

Constituinte assíduo renuncia a tudo

Teresa Cardoso

BRASÍLIA — No ano passado, o deputado Fernando Santana (PCB-BA) estava de viagem marcada para Juazeiro (BA), a fim de parafinizar uma turma que colava grau, quando a Comissão de Sistematização da Constituinte iniciou a votação da ordem econômica. Imediatamente, ele desfez o compromisso e tomou um avião para Brasília, preocupado em não perder a votação. No último dia 26 de fevereiro, exatamente por estar acompanhando a discussão sobre direitos sociais, o deputado esqueceu que sua mulher, Gúlia, estava aniversariando. No dia seguinte, ele deixou o plenário apressado e foi comprar uma pulseira para a esposa, mas não faltou à votação.

Esse parlamentar diz que não se lastima por ter perdido vários eventos familiares em virtude de estar acompanhando os trabalhos da Constituinte. "Nunca perdi uma votação, mas não me gabo disso. Cumpri o meu dever e isso não tem nada de extraordinário", acrescenta. Como Fernando Santana, existem cerca de 60 constituintes que nunca perderam uma votação, estão dia e noite no plenário ou nas negociações de acordos, a maioria sustentando que cumpre apenas a obrigação, como Sandra Cavalcanti, Antônio Brito, José Richa, Mário Covas, José Costa, Fernando Henrique Cardoso e Egidio Ferreira Lima.

A maioria também reconhece que foram grandes os prejuízos emocionais, familiares e até políticos, por terem assumido o papel de carregadores de pianodessa Constituinte, enquanto outros ficavam nos estados. Há cerca de um mês, Santiago, 12 anos, filho do deputado Antônio Brito (PMDB-RS) perguntou discretamente ao pai se este pretendia disputar a reeleição. Como Brito respondesse que ainda ia pensar, o garoto aproveitou para expressar a opinião de que não gostaria que isso acontecesse.

Prejuízos — Nessa campanha para fazer o pai largar a carreira política e ficar mais em casa, Santiago surpreendeu Antônio Brito. Um dia, deixando um bilhete na porta do seu quarto. "Eu não estou gostando do que você está fazendo com sua vida. Você deixou de fazer ginástica e andar, e está se cansando demais", dizia a mensagem. Brito guardou o bilhete e agora, quando a Constituinte jogou por terra a principal mudança que ele esperava — o sistema de governo parlamentarista —, o deputado também medita sobre os prejuízos familiares que resultam de tanto trabalho.

Brito aponta também para um prejuízo de peso no campo político. O fato de ele só ter ido oito vezes às suas bases eleitorais no Rio Grande do Sul, desde a instalação da Constituinte, o deixou em desvantagem com os parlamentares que preferem ficar lá. Desse prejuízo também se ressentem o senador Mário Covas (PMDB-SP) que, candidato ao governo de São Paulo, ambicionava ampliar sua influência nos diretórios regionais. Na convenção do último dia 27, onde ele chegou com 20 por cento dos diretórios, ficou constatado que Covas não ampliou em nada seu número de delegados municipais. Se tivesse ficado mais

tempo no estado, em vez de dedicar-se inteiramente à Constituinte, teria se saído melhor.

Mas não foram só políticos os prejuízos de Covas. Exatamente quando a Constituinte encerrava os trabalhos das Comissões temáticas e instalava a Comissão de Sistematização, o senador foi levado às pressas para São Paulo, com um enfarte do miocárdio. Motivo: sua obsessão pelo trabalho. Hoje, mais disciplinado, Covas caminha diariamente quatro quilômetros, porém, sempre preocupado com a Constituinte, faz isso cedo e, às 9h está no Congresso.

Ganho — Evidentemente, nem todos os parlamentares podem se queixar de prejuízos por essa dedicação excessiva à Constituinte. Tendo passado quatro noites seguidas sem dormir e sofrido grande desgaste emocional desde que se iniciaram as negociações em torno do parlamentarismo, Egidio Ferreira Lima (PMDB-PE) teve um ganho para a sua saúde. No auge da tensão que resultaria na aprovação desse sistema de governo na Comissão de Sistematização, Egidio chegou em casa de madrugada e exausto. Tinha fumado três maços de cigarro naquele dia e não conseguia dormir.

"Eu estava com a respiração ofegante e transpirava fumo por todos os poros. Resolvi então tomar um banho para ver se conseguia dormir e constatei que o cigarro estava me dando mais desprazer que prazer. E aí resolvi não fumar mais", conta Egidio, que está há cinco meses sem pôr um cigarro na boca. Frustrado com a rejeição do parlamentarismo pelo plenário da Assembleia, ele agora busca compensações emocionais das quais estava esquecido há um ano. "Eu não me lembrava mais do prazer de ler um livro e ir ao cinema, e agora estou sentindo uma carência muito grande de natureza".

Outro prejudicado com o excesso de dedicação à Constituinte é o deputado José Genoino (PT-SP), que também não faltou a uma só votação. Em compensação, teve que enfrentar durante todo esse tempo uma filha de sete anos que se tornou rebelde por raramente ver o pai. Durante um ano, ele só foi a São Paulo dez vezes, partindo sábado à tarde e voltando a Brasília domingo pela manhã. "Por causa disso, ouvia sempre esculhambações da Miruna, que se tornou agressiva e, vez por outra, batia a porta do quarto na minha cara, dizendo que eu só sei falar de Constituinte e Ulysses Guimarães".

Também pelo fato de quase não ver o avô, Cleodinho, o neto de três anos do deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), já decorou uma frase para justificar a ausência dele há quase um ano. "Meu avô está na Constituinte, fazendo mudanças", repete o menino. Apesar de reconhecer esses sacrifícios familiares, Cardoso Alves diz que pior foi condicionar todo o tratamento médico, a que se submeteu em decorrência de uma fratura no fêmur, aos horários da Constituinte. "Marquei a cirurgia para os dez dias que o relator ia passar negociando o regimento e, depois, dei um jeito para fazer fisioterapia às 7h da manhã, antes do horário das sessões". Depois que o plenário aprovou o presidencialismo, Roberto diz que todo esse sacrifício valeu a pena.